

NO CAMINHO DA HISTÓRIA À CHEGADA AO SIGNO LINGUÍSTICO

Maria Lucia Loureiro Paulista (UEMS)
marluciapaulista12@gmail.com

RESUMO

Este artigo pretende demonstrar a caminhada na história da linguística até a natureza do signo linguístico, tão amplamente conhecido após os estudos de Ferdinand de Saussure. A linguística é o estudo científico da linguagem e só passou a ser reconhecido como ciência em meados do século XIX, depois da publicação póstuma dos ensinamentos saussurianos por dois de seus alunos, o *Curso de Linguística Geral* (1916). Frente ao exposto, este texto percorrerá de maneira breve a história da linguagem e sua evolução, com objetivo de mostrar o percurso da linguagem até a descoberta da linguística enquanto ciência, quando no estabelecimento do seu objeto: a língua.

Palavras-chave: História da linguística. Signo linguístico. Ferdinand de Saussure.

1. *Introdução*

Para termos uma visão panorâmica dos estudos da linguagem até o ponto de a linguística ser conhecida como ciência, é preciso considerar que o conhecimento passou por vários momentos na história, com o estudo das línguas naturais que o advento do pensamento contemporâneo, perfazendo ainda os caminhos das correntes linguísticas pela história e discorrendo sobre a sequência dos processos de evolução dos princípios filosóficos que determinaram a visão dos saberes, do desenvolvimento e da delimitação do objeto de pesquisa. Para isso, discutimos o processo de constituição da ciência linguística a partir de Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista que ministrou aulas na Universidade de Paris e de Genebra por mais de 20 anos.

Dos estudos anteriores ao caráter científico da linguística, como a fonética, a fonologia e a semântica de Michel Bréal (1992), bem como o estruturalismo de Ferdinand de Saussure (2002), estudaremos a linguagem pelo viés histórico, não factual, mas de ideias, observando momentos da evolução do pensamento linguístico. Além disso, destaca-se que a

definição de signo linguístico figura como uma das mais importantes descobertas para a definição de um objeto de estudo científico da língua.

Estudar a linguagem humana ocorre desde os tempos dos gramáticos gregos e romanos, e a busca pela compreensão dos textos escritos no passado fomentou a motivação de novos escritores para um melhor entendimento de traços característicos que poderiam desvendar nuances desconhecidas para o conhecimento linguístico. Para o professor Joaquim Matoso Câmara Júnior (2011), a linguagem é algo tão comum na condição humana, que podemos comparar com a forma como caminhamos, ou seja, aprendemos a falar e a andar de maneira muito natural e assim evoluímos. A condição social favorece os estudos da linguagem pelo fato de favorecer os estudos da linguagem, pois “[...] à proporção que a sociedade se desenvolve ela se torna mais complexa, e um exemplo disso é a invenção da escrita, que faz com que o homem perceba a existência de formas linguísticas, à medida que eles tentam reduzir os sons da linguagem à modalidade escrita convencional”. (CÂMARA JR., 2011, p. 15-16)

Joaquim Matoso Câmara Júnior (2011) ainda afirma que a nova atitude social que surge com o desenvolvimento da linguagem faz com que o pensamento humano experimente um novo modo de desenvolver suas relações, impactando-as social e culturalmente. Os fatores dessas mudanças vão desde a diferenciação de classes, que se caracteriza por uma marca de *status* que conserva a linguagem correta inalterada em seus contados e modos de falar em uma mesma sociedade, como, por exemplo, o uso da gramática, do certo e do errado, até o contato com comunidades estrangeiras que determinam o uso da linguagem, revelando um estudo de línguas estrangeiras.

O estudo filológico da linguagem a partir dos gregos e também aquele que surge a partir da ciência linguística torna evidente a necessidade de se tomar esse objeto como instrumento eficiente do pensamento filosófico. Além disso, a segunda linha de pesquisas possibilitou a observação de características biológicas nos estudos da linguagem, a partir dos aspectos biológicos do corpo humano, pois segundo Joaquim Matoso Câmara Júnior (2011, p. 18), “a criação social baseada numa predisposição biológica”, “no desenvolvimento da ciência pode levar a um estudo das características biológicas que permitam o homem o uso da linguagem”.

Já o estudo da linguagem como manifestação sociocultural a

compreende como fato social, tendo em vista, além de seu caráter histórico, sua função na comunicação social.

A ciência que se constitui a partir das pesquisas dos fatos da língua passou por três fases antes de reconhecer seu verdadeiro e único objeto, tomadas pelos estudos da pré-linguística, da para-linguística e da linguística propriamente dita. (CÂMARA JR., 2011, p. 16-21)

2. Panorama da história da língua

O interesse do homem pela linguagem é antigo, motivo pelo qual a linguística moderna não ignora os estudos pré e paralinguísticos, que se ocupam de aspectos filológicos, biológicos e filosóficos da linguagem.

Recuperando tais estudos, na Antiguidade, eles foram desenvolvidos na Índia e na Grécia (CÂMARA, 2001, p. 22). Já na Índia antiga, a necessidade de manter viva a pronúncia correta dos textos religiosos ancestrais levou à investigação da fonética articulatória.

Segundo os estudos pré-linguísticos de Joaquim Matoso Câmara Júnior (2011, p. 22), a principal obra para a descrição do sânscrito é de Pānini, consistindo em quatro mil estrofes ou sutras, as quais relatam de maneira resumida e simbólica os fenômenos linguísticos. Trata-se de um tipo de tradição gramatical que estabelece as bases da gramática normativa do sânscrito e dos tratados hindus que surgiram posteriormente e que se limitava a comentários sobre as sutras, línguas escritas essencialmente para trabalhos religiosos e literários e para uso de classes superiores.

Na Grécia clássica, por sua vez, a necessidade de um vocabulário técnico e conceitual para ser usado na análise lógica das proposições resultou em um sistema de investigação das partes do discurso que acabou tendo um desenvolvimento que ultrapassou as exigências imediatas dos filósofos. Joaquim Matoso Câmara Júnior (2011, p. 23) discute como os estudos paralinguísticos gregos foram desenvolvidos por meio da filosofia.

Podemos afirmar que os principais estudos paralinguísticos começaram tomando o aspecto filosófico da linguagem como objeto de investigação. Seus principais estudiosos foram Platão (427-347 a.C.), que teve como trabalho mais relevante o diálogo da famosa discussão com Crátilo (um filósofo da linha de Heráclito (535-475 a. C.) que retoma uma velha orientação sobre debates linguísticos abordados pela filosofia grega) e

que se identifica com esse viés de estudo da etimologia.

Segundo Joaquim Matoso Câmara Júnior (2001, p. 24), destaca-se também Aristóteles (384-322 a. C.), que desenvolveu uma teoria linguística baseada nas ideias de Demócrito, compreendendo que a linguagem surgiu por convenção entre os homens.

Na Idade Média, a formação retórica romana para a preservação dos textos religiosos no judaísmo e a difusão de novas religiões proselitistas como o Cristianismo e o Islamismo estabeleceu as tradições literárias vernáculas nas várias nações que constituíram o Império Romano com o esforço de conservar o latim erudito como língua universal e de cultura, acima das vernáculas.

No século XVI, produziram-se as gramáticas das línguas modernas, que enfatizaram o caráter normativo das línguas a partir dos modelos dos tratados de Donato e Prisciano, que versavam sobre gramática latina. Porém, um fator conflitante entre o latim clássico e o vulgar estimulou novos pontos de vista no que dizia respeito à correção do uso desse idioma. Já no século XVII, a orientação gramatical atinge seu auge com a *Gramática de Port-Royal*, de Lancelot e Arnaud (1660).

Dos estudos da linguagem na Idade Média até os tempos modernos, que compreendem meados do século XVIII, observamos um esforço para a manutenção da norma no latim clássico em face da língua popular no Império.

As pesquisas linguísticas no período do Renascimento, por seu turno, foram favorecidas com o ressurgimento do latim clássico como língua escrita, o que proporcionou um novo interesse do estudo normativo do grego. Do século XVI em diante, surgem às gramáticas das línguas modernas, combinando orientação lógica e normatização até o advento da linguística como a ciência da linguagem propriamente dita.

Os conhecimentos linguísticos da primeira metade do século XIX se depararam com os trabalhos de August Schleicher, um estudioso das ciências naturais que se dedicou à botânica e se aventurou na busca por elevar os estudos linguísticos ao nível de uma nova ciência, com rigorosas leis e um desenvolvimento histórico, defendendo que a língua deveria ser entendida como um organismo natural que nasce, desenvolve-se e morre (LEROY, 1971, p. 36-46). Para August Schleicher, cada língua é produto da ação de um complexo de substâncias naturais no cérebro e no aparelho fonador. Estudá-las, portanto, requer uma abordagem indireta a

esse complexo de matérias. A classificação de árvore genealógica de August Schleicher é considerada atualmente como uma simplificação extrema do desenvolvimento linguístico do indo-europeu (CÂMARA JR., 2011, p. 66), sendo criticada por alguns estudiosos, como Johannes Schmidt:

Em 1872, o alemão, Johannes Schmidt, criticou a árvore genealógica e propôs, no lugar dela, o que passou a chamar de teoria chamada “teoria da onda”, segundo a qual as diferentes mudanças linguísticas se difundirão, como ondas, a partir de um centro política, comercial ou culturalmente importante, ao longo das principais vias de comunicação, mas as sucessivas inovações não cobrirão necessariamente a mesma área de maneira exata. (WEEDWOOD, 2002, p. 122)

A par desses acontecimentos, a fonética também adota uma nova abordagem histórica e geográfica, assim como a Semântica: a teoria das ondas.

Com o desenvolvimento dos estudos da linguagem, vimos um novo caminho sendo preparado e através da visão saussuriana da linguagem, como as suas dicotomias língua/fala, sincronia/diacronia, paradigma/sintagma, significado/significante. Segundo Joaquim Matoso Câmara Júnior (2011, p. 129), para Ferdinand de Saussure a linguística poderia ser mais usada como uma ciência mais geral, porque considerava a língua, “o mais elaborado e completo meio humano de usar sinais, portanto, deveria ser estudada *per se* e que os princípios gerais de uma ciência geral de sinais humanos”. Conclusão essa que inaugurou um novo tempo nos estudos da linguagem.

3. Ferdinand de Saussure

Nascido em 1857 no Castelo de Vufflens, localizado em um distrito da cidade de Genebra, Suíça, Ferdinand de Saussure, filho de um importante naturalista, Henri Louis Frédéric de Saussure (1882-1905), cedo foi encaminhado para os estudos superiores de física e química na universidade local. Com 14 anos, já estudava línguas como o inglês, o grego, o alemão, o francês e o sânscrito.

Enquanto estudou física e química, dedicou-se informalmente aos estudos de gramática grega e latina, que o direcionaram ao celta e ao indiano até completar as pesquisas da língua europeia. (LOPES, 1972, p. 72)

A vida de Ferdinand de Saussure foi relativamente curta: morreu com a idade de 56 anos após lecionar o curso de linguística geral por três anos consecutivos na Universidade de Genebra.

Na Universidade de Paris, ele se restringiu ao estudo da gramática comparativa do indo-europeu que estudara, principalmente na Universidade de Leipzig, pouco antes dos movimentos neogramáticos cujas figuras exponenciais eram colegas e amigos seus. Sua maior obra foi o curso de linguística geral, que inaugura a fase estruturalista dos estudos da linguagem.

Segundo Eni Puccinelli Orlandi (2002, p. 22), a partir dos estudos saussurianos, a linguística define seu objeto: a língua como um sistema de signos, um conjunto de unidades organizadas e cuja união do significado e do significante tornam-se as duas faces do signo linguístico.

Para ele, a organização interna da língua adquire seu valor somente com relação a outros elementos do sistema a que pertence. É “um conjunto de unidades que obedecem a certos princípios de funcionamento, constituindo um todo coerente”. Por isso a determinação do sistema chamado “estruturalismo para designar essa nova tendência de analisar as línguas”, como explica Marcos Antonio Costa (2013, p. 114).

3.1. O Curso de Linguística Geral

O *Curso de Linguística Geral* (SAUSSURE, 2002) é basilar para os estudos linguísticos modernos. Os discípulos de Ferdinand de Saussure, Charles Bally, Albert Secheyave, com a colaboração de Albert Riedlinge, recolheram as anotações dos colegas e publicaram o *Cours de Linguistique Générale* (CLG) em 1916, dando início aos estudos científicos da linguagem e proporcionando aos estudiosos tanto um objeto quanto um método para o estudo da língua. (LOPES, 1972, p. 72)

Conforme Carlos Alberto Faraco (2011, p. 27), em contraste com os estudos históricos que predominaram até o século anterior, os frutos do *Curso de Linguística Geral* só começaram a aparecer depois do Congresso Internacional de Linguística (HAIA, 1928), do Primeiro Congresso dos Filólogos Eslovos (PRAGA, 1929) e da Primeira Reunião Fonológica Internacional (PRAGA, 1930).

Pela obra, que, embora não tenha sido escrita pelo genebrino, concedeu-lhe o reconhecimento de fundador da ciência linguística mo-

derna, influenciando as gerações a partir das noções basilares do estruturalismo.

Considerado um grande clássico da linguística moderna, é uma obra que ainda não está terminada como diria Ítalo Calvino (1998, p. 11), “um clássico que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

3.2. O signo linguístico

A noção de signo foi criada por Ferdinand de Saussure, e é um elemento representativo que tem duas faces: um significado e um significante. Fundamentado na representação do pensamento, o signo pode ser qualquer palavra que tenha sentido. Por exemplo, quando escutamos a palavra “casa”, logo pensamos em um lugar onde moramos, ou em um lugar que desejamos morar, etc. esse conceito que nos vem à mente é o significado do signo casa e também se encontra armazenado em nossa memória, ou seja, conceito ou ideia, da imagem acústica que é a representação psíquica do som.

O signo linguístico não une uma coisa e uma palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. O caráter psíquico de nossas imagens acústicas aparece claramente quando observamos nossa própria linguagem e também o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, dois elementos que estão unidos intimamente. O signo mesa, por exemplo, não se refere ao objeto no mundo, mas à imagem acústica que evoca esse conceito (SAUSSURE, 2002, p. 80), resultado da união entre o significado (o conceito) o significante.

O signo linguístico assim definido exhibe suas características primordiais, como a arbitrariedade. Isso porque a relação entre significado e o significante é arbitrária, o que confere ao próprio signo a mesma característica. Ademais, deve-se considerar a linearidade do significante: sendo este de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, compartilhando suas características, quais sejam: a) a representação de uma extensão e b) extensão mensurável em uma só dimensão: uma linha. Os princípios da arbitrariedade e da linearidade do significante são desenvolvidos no eixo das relações sintagmáticas e de sincronia.

Já a teoria geral do valor do signo (SAUSSURE, 2002) revela que os signos linguísticos são arbitrários e convencionais e, quanto à concepção de língua como uma instituição social, esta se opõe à da língua como organismo natural. Em outras palavras, a linguagem tem caráter social e

individual, indissociáveis, como explica Marcos Antonio Costa (2013, p. 114):

Para Saussure a língua é um sistema supraindividual utilizado como meio de comunicação entre os membros de uma comunidade. O entendimento saussuriano é o de que a língua corresponde à parte essencial da linguagem e constitui um tesouro – um sistema gramatical – depositado virtualmente nos cérebros de um conjunto de indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade linguística. Sua existência decorre de uma espécie de contrato implícito que é estabelecido entre os membros dessa comunidade. Daí seu caráter social. Para Saussure, o indivíduo, sozinho, não pode criar nem modificar a língua.

Tais considerações movimentaram o mundo acadêmico e fomentaram o desenvolvimento dos estudos da linguagem das ciências humanas. Ferdinand de Saussure foi responsável por sistematizar a língua e pelo famoso paradigma estruturalista, em que a língua é compreendida internamente e pelo qual o signo linguístico é tido como a menor partícula do sistema, arcabouço teórico que permanece nos estudos de linguagem.

4. Considerações finais

Os estudos linguísticos não podem ser confundidos com o aprendizado de muitas línguas. Além disso, para descrever a língua, o linguista precisa estar ciente de seus princípios e procedimentos.

Ao longo da história, podemos observar que contribuições diversas tornaram possível conceber uma ciência que estude todo e qualquer sistema de signos. Entretanto, a partir de Ferdinand de Saussure, os estudos linguísticos assumiram um objeto específico, os signos convencionados que formam o sistema linguístico.

Apresentando alguns precursores da constituição da linguística, observamos movimentos do século XVII, marcados pelo racionalismo que promoveu a produção de gramáticas gerais e racionais.

No século XIX, as gramáticas comparadas fundaram um momento marcado como gramática histórica, com perspectivas diferentes do século anterior, como o entendimento de que as línguas se transformam com o tempo, assumindo um caráter mais filosófico.

A descoberta das semelhanças das línguas indo-europeias marca o período após a conjugação da língua sânscrita comparada ao grego, ao latim, ao persa e ao germânico. Nesse mesmo período, a regularidade dos

neogramáticos procurava explicar a evolução das línguas por meio de leis fonéticas que organizavam e identificavam as famílias linguísticas pelo viés comparatista. Dessa forma, no que se refere à linguagem e aos estudos do signo, Ferdinand de Saussure preconizou seu objeto de investigação considerando a língua como um sistema organizado e social em sua essência, formado pela união indissociável entre o significado e o significante. Suas contribuições elevaram os estudos da linguagem para o campo científico e fomentam até os dias atuais muitos trabalhos que investigam a língua sob diferentes perspectivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRÉAL, Michel. *Ensaio de semântica*. Trad.: F. Aída et al. São Paulo: Fontes/Educ, 1992.
- CALVINO, Ítalo. *Por que ler os clássicos*. Trad.: Nilson Moulin. 1. reimpr. São Paulo: Cia. de Bolso, 2009.
- CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *História da linguística*. Trad.: Maria do Amparo Barbosa de Azevedo. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.
- COSTA, Marcos Antonio. Estruturalismo. In: MARTELLOTA, Mário Eduardo et al. (Orgs.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de linguística*. 11. reimpr. São Paulo: Cultrix, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (Orgs.). *Introdução à linguística*. fundamentos epistemológicos, vol. 3. São Paulo: Cortez, 2004.
- FIORIN, José Luiz; FLORES, Valdir do Nascimento; BARBISAN, Leci Borges. (Orgs.). *Saussure: a invenção da linguística*. São Paulo: Contexto, 2013.
- LEROY, Maurice. *As grandes correntes da linguística moderna*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- LOPES, Edward. *Fundamentos da linguística contemporânea*. São Paulo: Cultrix, 1972.
- ORLANDI, Eni Puccinelli. *O que é linguística*. São Paulo: Brasiliense, 2002.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Organização de Charles Bally e Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger. Trad.: Antonio Chelini, José Paulo Paes e Izidro Blikstein. 24. ed. São Paulo: Pensamento/Cultrix, 2002.

WEEDWOOD, Bárbara. *História concisa da linguística*. Trad.: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2002.